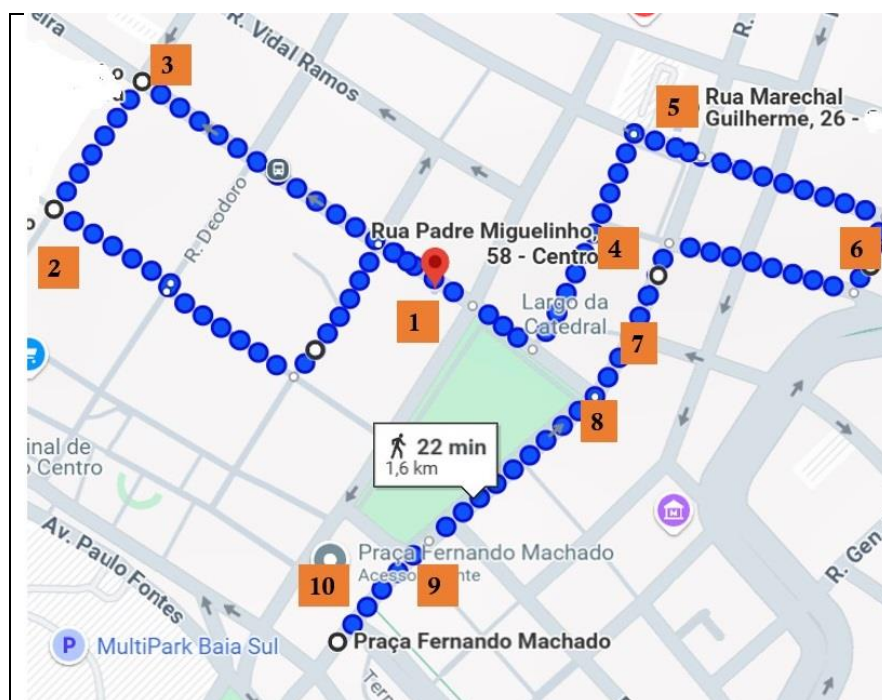


Caminhadas com a História - Espaços do fazer teatral em Desterro/Florianópolis: um percurso na área central

Pesquisa e redação: Janice Gonçalves¹

Roteiro da caminhada

O roteiro da caminhada destaca pontos referenciais do fazer teatral no centro da capital, nos séculos XIX e XX, de modo a instigar discussões sobre o papel da arte dramática nas sociabilidades de Desterro/Florianópolis e provocar reflexões acerca da patrimonialização (ou não) de locais que estiveram associados a tais práticas.



1. Museu Histórico de Santa Catarina.
2. Rua do “Teatro Novo”.
3. Local do Teatro São Pedro de Alcântara.
4. Casa da Memória.
5. Teatro Santa Isabel/Teatro Álvaro de Carvalho.
6. Teatro da União Beneficente e Recreativa Operária (UBRO).
7. Rua do Teatro da Sociedade Dramática Particular Cosmopolita.
8. Casa do Teatro/Grupo Armação.
9. Casas de espetáculos de sociedades dramáticas na Rua João Pinto.
10. Memorial ao Miramar (local do Teatro Trapiche).

¹ Docente do Departamento de História da UDESC; coordenadora do programa de extensão “Rede SPECULA: patrimônio cultural em Santa Catarina”, ao qual estão integradas as “Caminhadas com a História”.

Pontos do percurso

1. Museu Histórico de Santa Catarina (Palácio Cruz e Sousa, Praça XV de Novembro)

Projetado na primeira metade do século XVIII pelo brigadeiro José da Silva Paes, engenheiro militar que foi o primeiro governador de Santa Catarina, o prédio onde está instalado o museu foi sede do governo da capitania, da província e do estado. Passou por uma grande reforma na década de 1890, na qual se procurou conferir ao prédio o caráter imponente e suntuoso de “palácio”. O prédio foi reconhecido como patrimônio cultural em nível estadual (tombamento efetuado em 1980), além de estar protegido em âmbito municipal (pois compõe o Conjunto I de edificações protegidas por tombamento pelo Decreto n. 270, de 30 de dezembro de 1986). O Museu Histórico de Santa Catarina está instalado no prédio desde 1986.

O início do percurso, portanto, não se refere estritamente a uma casa de espetáculos; contudo, permite refletir sobre aspectos do fazer teatral na capital. Por quê?

Um primeiro ponto a destacar: o prédio-sede do museu foi denominado, em 1979, Palácio Cruz e Sousa, como forma de homenagear um dos mais conhecidos escritores catarinenses. Na área do museu há ainda um memorial ao escritor, que abriga urna com seus restos mortais (transferidos do Rio de Janeiro para Florianópolis em novembro de 2007, após negociações entre o governo estadual e a família do escritor). Nascido na então Nossa Senhora do Desterro, João da Cruz e Sousa (1861-1898), homem negro cujos pais foram Guilherme, mestre-pedreiro, e Carolina Eva da Conceição, lavadeira; seus pais foram escravizados, tendo como senhores Guilherme Xavier de Sousa e Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, que apoiaram os estudos de João. Na capital de Santa Catarina, na primeira metade dos anos 1880, Cruz e Sousa dedicou-se à literatura, ao jornalismo e ao teatro — no mesmo período, chegou a se incorporar a uma companhia dramática, na função de “ponto” em espetáculos que o levaram para fora da capital catarinense (Junkes, 2008, p. 28-30). Em 1893, já vivendo no Rio de Janeiro, publicou *Missal* e *Broquéis*, trabalhos considerados marcos do movimento simbolista no Brasil.

Outro aspecto a salientar, relacionado ao tema da caminhada: o Museu Histórico de Santa Catarina já foi espaço de realização de performances teatrais, podendo ser mencionada a encenação da peça *Momentos no Palácio*, em 2005, no âmbito do projeto “Escolas no Museu”. A peça foi então encenada pelo Teatro Jabuti, com texto e performances dos atores Carina Scheibe e Révero Ribeiro.

2. Rua do “Teatro Novo” (atual Rua Felipe Schmidt)

O médico e historiador Oswaldo Rodrigues Cabral, no livro *Nossa Senhora do Desterro*, destacou a importante presença do teatro no cotidiano da cidade durante o século XIX, mas salientou as dificuldades de obter dados mais precisos sobre suas atividades iniciais. A mais antiga referência que encontrou diz respeito a um espetáculo de “teatrinho de sombras”, em 1817, realizado no “Quartel dos Regimentos d’El Rei” (Cabral, 1979, v.2, p. 149). Também na década de 1810, o juiz de fora Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva montou, em sua residência, um “teatrinho ricamente ornado e elegantemente pintado” (Cabral, 1979, v.2, p. 149). Contudo, ainda conforme Cabral, apenas nos anos 1830 passaram a ser feitas apresentações teatrais regulares, abertas ao público em geral, e isso no local que era referido, nos jornais da época, como “Teatro Novo”. O Teatro Novo funcionava na então Rua do Senado (atual Rua Felipe Schmidt), não havendo informação sobre o trecho exato onde se localizava.

3. Teatro São Pedro de Alcântara (Rua Jerônimo Coelho com Rua Tenente Silveira)

Teatro particular que teria funcionado ao menos entre os anos 1840 e 1860, na esquina da Rua da Paz (atual Jerônimo Coelho) com a Rua do Governador (atual Tenente Silveira). Tratava-se de imóvel regularmente alugado a companhias e grupos dramáticos, sob a gerência da Sociedade

Dramática Particular Catarinense. Oswaldo Cabral apresentou dúvidas quanto ao local preciso do teatro (Cabral, 1979, v. 2, p. 154); porém, Paulo Clóvis Schmitz (1994, p. 12-14) confirmou o endereço, acrescentando que o prédio chegou a abrigar a Assembleia Legislativa, o Superior Tribunal de Justiça e a Imprensa Oficial do Estado, tendo sido demolido em 1969, durante obras de ampliação da Rua Tenente Silveira.

4. Casa da Memória (Rua Padre Miguelinho, n. 58)

A Casa da Memória é um centro de documentação vinculado à Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, órgão da administração municipal de Florianópolis. Ocupa prédio construído na década de 1920 para que funcionasse como sede do Partido Republicano Catarinense, embora tenha recebido outros usos a partir de 1949 (foi sede do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, da seção catarinense da Ordem dos Advogados do Brasil e, finalmente, da Casa da Memória). Está protegido em nível municipal desde 1986 (por força do tombamento do conjunto edificado I, conforme o Decreto Municipal n. 270, daquele ano) e, desde 2021, por tombamento provisório em nível estadual (conforme Processo FCC 1350/2021).

O acervo do centro de documentação reúne um conjunto expressivo de coleções: livros, documentação fotográfica, fonográfica e audiovisual, além de alguns arquivos privados. São materiais que, na sua variedade, registram diferentes momentos, formas de sociabilidade e práticas culturais no município. Entre os arquivos privados abrigados na Casa da Memória está o do ator Mozart Régis (1926-1995), que ficou conhecido como “Pituca”. Nascido em Florianópolis, Pituca atuou no rádio, no teatro (inclusive na companhia de Procópio Ferreira e no teatro de revista), no cinema e na televisão.

5. Teatro Santa Isabel/ Teatro Álvaro de Carvalho (Rua Marechal Guilherme, n. 26)

Embora oficialmente inaugurado em 7 de setembro de 1875, o Teatro Santa Isabel funcionou provisoriamente entre 1871 e 1873. Diferentemente de outros espaços teatrais da cidade no século XIX, esse prédio foi construído especificamente para ser utilizado como teatro, por iniciativa de um grupo de pessoas que formou, em 1854, uma “sociedade empreendedora”; a intenção era reunir os recursos financeiros necessários a partir de subscrições dos apoiadores da proposta de construção. A pedra fundamental do prédio foi lançada apenas em 1857 e as obras de construção sofreram diversos percalços, tendo sido concluídas quase vinte anos depois, com a participação direta do governo provincial, primeiramente com empréstimos e posteriormente assumindo a finalização da obra e a responsabilidade pelo teatro. De início, o governo provincial arrendava o teatro, ficando a cargo do arrendatário os contatos com as companhias que realizariam os espetáculos. Em 1894, o nome do teatro foi alterado para o atual, como homenagem ao dramaturgo catarinense Álvaro de Carvalho. No período republicano, também serviu como cinema, além de ter sido utilizado para conferências, bailes e outras atividades culturais e de entretenimento (Schmitz, 1994, p. 18, 21-29; Souza, 1992, p. 54; Veiga, 2008, p. 197-200). O prédio está protegido por tombamento estadual desde 1988 (Decreto estadual n. 1.304, de 29 de janeiro).

6. Teatro da União Beneficente e Recreativa Operária - UBRO (Rua Pedro Soares, n. 15)

Inaugurado em 1º de maio de 1931, o teatro foi construído para ser sede social da União Beneficente Operária, associação de trabalhadores criada em 1922. A denominação da entidade foi ligeiramente alterada em 1928, tornando-se União Operária Beneficente e Recreativa — daí a sigla “UBRO”, que pode ser vista na fachada principal da edificação. Seus associados eram fundamentalmente trabalhadores do setor de serviços (a maioria) e operários de fábrica (Collaço, 2006, p. 211-212).

Embora o teatro tivesse protagonismo nas atividades da sede social, ali também havia uma biblioteca, um estúdio e uma sala de reuniões. A parte do acervo da biblioteca que sobreviveu ao declínio da União Operária foi, segundo Lilian Schmeil (1995, p. 11), doada à Biblioteca Pública Municipal. O teatro propriamente dito, localizado no piso superior, tinha inicialmente 144 lugares fixos e um palco de seis metros de largura por oito metros de profundidade; na primeira metade da década de 1940, uma reforma aperfeiçoou o palco, criou camarins e implantou um vestíbulo para recepção do público (previamente ao espetáculo ou nos intervalos).

Nas décadas de 1930 e 1940, a União Operária manteve grupo teatral cujas apresentações não se limitavam ao espaço do teatro da entidade. Na preparação das peças, os ensaios aconteciam à noite, podendo incluir até mesmo os domingos. Cenários, figurinos e objetos de cena de montagens anteriores eram com frequência aproveitados. Recorria-se, durante os espetáculos, à música ao vivo. Além da apresentação estrita das peças teatrais, o espetáculo podia ser composto por variedades como apresentações musicais, esquetes cômicos, paródias, emboladas e até mesmo sorteios (Schmeil, 1995, p. 16). Relatos presentes na imprensa florianopolitana indicam ingressos a preços baixos e público assíduo, participativo e ruidoso (Collaço, 2006, p. 218-226). Com o teatro, os ingressos para as sessões de espetáculos se tornaram a principal fonte de arrecadação da entidade (Schmeil, 1995, p. 8).

Na década de 1950, o espaço foi utilizado por outros grupos teatrais e por músicos, para ensaios e apresentações; no local também passaram a ser exibidos filmes.

Em 1985, o teatro foi posto à venda pela União Operária. Ao menos desde 1983, o meio teatral local se mobilizava para tentar transformá-lo em teatro municipal; em fevereiro de 1986, a Associação dos Grupos de Teatro de Florianópolis solicitou ao prefeito o tombamento do prédio e sua recuperação física (Schmeil, 1995, p. 12). Após o tombamento municipal (Decreto n. 069/1986), o governo estadual desapropriou o imóvel, mas isso não resultou na recuperação física da edificação: na primeira metade da década de 1990, houve o desabamento da cobertura e das fachadas laterais, tendo restado a fachada principal, graças a escoras. A reconstrução foi realizada no final da década de 1990 e, em 1999, o governo estadual cedeu à Prefeitura de Florianópolis o uso gratuito do imóvel, inicialmente pelo período de dez anos. Com isso, as funções teatrais puderam ser retomadas (Collaço, 2010, p. 218-219; Schmeil, 1995, p. 22). A responsabilidade pela manutenção do espaço é atualmente da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

7. Teatro da Sociedade Dramática Particular Cosmopolita (Rua dos Ilhéus)

A Sociedade Dramática Particular Cosmopolita teria existido apenas em 1884, apresentando espetáculos em sua sede: um sobrado adaptado para as funções teatrais, situado na Rua Áurea (atual Rua dos Ilhéus), sem que se saiba seu local exato. Há notícia apenas de três apresentações, entre outubro e dezembro, que envolveram a encenação de mais de uma peça; em cada récita, buscou-se equilibrar drama e comédia, de forma a abordar tanto reflexões sobre grandes questões morais como costumes e aspectos do cotidiano. Os títulos das peças são sugestivos: “Amor e honra”, “A honra”, “O maldito”, “Coração de mulher”, “Batizado e casamento”, “O mundo vai torto”, “O caroco”, “Atribulações de um estudante”, “Todos bebem” (Fabrin, 2008, p. 282 e 326).

8. Casa do Teatro/ Grupo Armação (Praça XV de Novembro, n. 344)

O local é sede do Grupo de Teatro Armação desde a década de 1980. Um grupo teatral com esse nome surgiu em 1972, para a montagem do espetáculo “O Contestado”, dirigido por Augusto Nilton de Sousa, sendo a peça de autoria de Romário Borelli; segundo Maura Soares (1995, p. 20), essa teria sido “a primeira tentativa de se fazer teatro profissional em Santa Catarina”. Em 1975, a existência do Grupo de Teatro Armação foi formalizada, tendo entre seus fundadores Augusto de

Sousa e Ademir Rosa. A sede do grupo é um sobrado que compõe o Conjunto I de edificações protegidas por tombamento municipal em 1986 (Decreto n. 270, de 30 de dezembro).

9. Casas de espetáculos de sociedades dramáticas na Rua João Pinto

Na segunda metade do século XIX, várias sociedades dramáticas realizaram suas apresentações em teatros localizados na Rua João Pinto, talvez dando continuidade ao costume de adaptar, para tais atividades, prédios já existentes. Na Rua João Pinto teriam funcionado: o Teatro São Felipe, da Sociedade Apologista da Arte Dramática; o Teatro São João, da Sociedade Phenix Catarinense; o Teatro São Carlos, da Sociedade Dramática Treze de Maio; o Teatro da Sociedade Recreio dos Artistas (Fabrin, 2008, p. 33, 35, 321, 325, 329; Schmitz, 1994, p. 20). Teriam esses teatros funcionado no mesmo local, trocando apenas de nome, conforme eram criadas e desfeitas as sociedades dramáticas?

10. Memorial ao Miramar (local do Teatro Trapiche) (Praça Fernando Machado)

Antes de ser aterrada a área em que o monumento foi implantado, o local serviu de área de atracação de embarcações e de embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, sobretudo na ligação entre a Ilha de Santa Catarina e o continente.

Ponto de parada de embarcações situado nas imediações do Mercado Municipal e na direção do Largo da Matriz existia ao menos desde o final do século XVIII. Porém, um atracadouro foi efetivamente construído apenas na década de 1870, com projeto do engenheiro civil Alberto d'Aquino Fonseca: tornou-se o Trapiche Municipal. Em 1925, deliberou-se por sua substituição, o que foi feito a partir de projeto dos engenheiros Corsini, sob orientação do arquiteto Augusto Hubel, no qual se articulava o trapiche a um pavilhão (Veiga, 2008, p. 173-174). No pavilhão, a partir de 1928, passou a funcionar um bar e restaurante: o Miramar.

Não obstante sua má conservação e a iminência de destruição (em decorrência das obras de aterramento, efetivadas na década de 1970), o pavilhão foi transformado em teatro de arena em 1972, com autorização da Prefeitura. A iniciativa se deveu aos estudantes que compunham o Teatro Estudantil Catarinense (TECA), com o apoio do diretor Sérgio Lino e do jornalista Mauro Amorim. O teatro tinha capacidade de público em torno de 150 pessoas e a proposta era a de realizar atividades teatrais inovadoras. Entre os espetáculos ali montados, podem ser mencionados: "O livro de Cristóvão Colombo", de Paul Claudel, com adaptação e direção de Sérgio Lino; o musical "O Contestado", de Romário Borelli; e "Catacumba 2000", com direção de Sérgio Lino (Nonnenmacher, 2007, p. 113-116, 127-135, 145-150).

Em junho de 1974, a Prefeitura de Florianópolis proibiu o uso do Teatro Trapiche para ensaios dos grupos teatrais amadores. As atividades do teatro foram definitivamente encerradas com a demolição da edificação, em 24 de outubro de 1974. A demolição foi cercada de polêmica, opondo defensores da preservação da edificação aos favoráveis à demolição (Nonnenmacher, 2006, p. 326-327).

Em 1988, houve a proposta, por parte da Prefeitura Municipal, de reconstruir o pavilhão e retomar o uso como bar e restaurante, o que não se efetivou. Em 2001, contudo, foi inaugurado o Memorial ao Miramar: com projeto do arquiteto Joel Pacheco, vinculado ao então Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Ipuf), o Memorial delimita, com colunas e um portal (mas nenhum tipo de cobertura), a área anteriormente ocupada pelo Miramar (Nonnenmacher, 2007, p. 81-96).

Referências

50 anos do Teatro Armação [08 abr. 2022]. Portal eletrônico Desacato. Disponível em: <https://desacato.info/50-anos-do-teatro-armacao/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. 2v.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O Teatro da União Operária: um palco em sintonia com a modernização brasileira**. Florianópolis: Ed. Da UDESC, 2010.

COLLAÇO, Vera. Um teatro para o trabalhador de Florianópolis. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.). **A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 211-234.

FABRIN, João Baptista Giachini. **Entre Desterro e Florianópolis - da ribalta à bancada: aspectos da sociedade desterreense e florianopolitana no século XIX, vistos a partir de seus espetáculos**. Passo Fundo, 2008. 342 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Tombamentos estaduais – Santa Catarina**. Florianópolis: maio de 2023. Disponível em: <https://cultura.sc.gov.br/downloads/patrimonio-cultural/3010-catalogo-de-bens-tombados-fcc-maio-2023>. Acesso em: 18 mai. 2025.

FUNDAÇÃO Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes – Casa da Memória. Sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=casa+da+memoria>. Acesso em: 18 mai. 2025.

FUNDAÇÃO Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes – Teatro da UBRO. Sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=casa+da+memoria>. Acesso em: 18 mai. 2025.

GOMES, Manoel. **Do Palácio Rosado ao Palácio Cruz e Sousa (quando, como, porque)**. 2. ed. rev. aum. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1980.

GONÇALVES, Janice; LEITE, Willian Tadeu M. J. **Comentários sobre a caminhada n. 2** [9 de maio de 2009, projeto de extensão “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico”, UDESC]. Disponível em: http://redespecula.pro.br/wp-content/uploads/2024/08/roteiro_fio-da-memoria-2_pedreira-ao-menino-deus.pdf. Acesso em: 12 mai. 2025.

GONÇALVES, Janice; LEITE, Willian Tadeu M. J. **Comentários sobre a caminhada n. 3** [20 de junho de 2009, projeto de extensão “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico”, UDESC]. Disponível em: http://redespecula.pro.br/wp-content/uploads/2024/08/roteiro_fio-da-memoria-3_mato-grosso-praia-de-fora.pdf. Acesso em: 12 mai. 2025.

JUNKES, Lauro. Cruz e Sousa: da paixão à paixão. In: CRUZ E SOUSA, João da. **Obra completa: poesia**. Jaraguá do Sul, SC: Avenida, 2008. p. 27-62.

KNAESEL, Gilmar. Anseio realizado. In: CRUZ E SOUSA, João da. **Obra completa: poesia**. Jaraguá do Sul, SC: Avenida, 2008. p. 23-24.

MUSEU Histórico de Santa Catarina. **Momentos no Palácio**. Florianópolis: 2005.

NONNENMACHER, Marilange. Teatro Trapiche: a arte da resistência. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.). **A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. p. 303-330.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar**: memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. Florianópolis, 2007. 225 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina.

PANARIELLO, Ana Luzia Malnati. Do Miramar ao Monumento: a reconstrução do “velho trapiche”. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v.1, n.2, p. 23-29, 2007.

SCHMEIL, Lilian. **Memórias da UBRO - União Beneficente Recreativa Operária**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. O Teatro Álvaro de Carvalho. *In*: SCHMITZ, Paulo Clóvis (org.). **Pequena história do Teatro Álvaro de Carvalho**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, Paralelo 27, 1994. p. 9-36.

Sítio eletrônico da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes. Teatro da Ubro. Disponível

em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/index.php?cms=teatro+da+ubro&menu=4&submenuid=322>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SOARES, Maura. O teatro no contexto da história catarinense: O Contestado. **Ágora**, Florianópolis, n. 20-21, p. 19-24, 1995. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/154/pdf>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SOUZA, Alcídio Mafra de. **Guia dos bens tombados – Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura; Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

TEM DRAMA NA UNIÃO. Direção: Fernando Boppré, Alex Wendhausen. Brasil: Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som (LAPIS)/UFSC, 2004. (45 minutos) Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/98977>. Acesso em: 13 mai. 2025.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: memória urbana. 2. ed. rev. ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.